

Empreendedorismo como aporte para o empoderamento econômico feminino

RESUMO

Neste artigo investigou-se como o processo empreendedor contribui para o empoderamento econômico feminino. Propondo-se a responder o seguinte questionamento: Como o processo empreendedor contribui para o empoderamento econômico feminino? Esta é uma pesquisa de campo, qualitativa, de natureza exploratória. Os dados foram coletados por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado e analisados com o auxílio da técnica de análise de conteúdo. A pesquisa revelou que, por meio do empreendedorismo, as mulheres entrevistadas tiveram acesso a lazer, saúde, aumento da renda, respeito no âmbito pessoal e profissional e a autorrealização como mulher e empresária; resultado do seu empoderamento econômico. Esse estudo contribuiu para a disseminação do conhecimento acerca do empreendedorismo feminino como aporte para o empoderamento econômico da mulher. Sinalizou também a importância da vocação no ato de empreender e como é difícil receber apoio e reconhecimento durante esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo. Empreendedorismo Feminino. Empoderamento Econômico.

Jussara Maria Lima
jussara.ma.lima@gmail.com
Universidade Federal de Sergipe

Rúbia Oliveira Corrêa
rubia.ufs@gmail.com
Universidade Federal de Sergipe

Deise Araujo das Chagas
deiseachagas@gmail.com
Universidade Federal de Sergipe

Thiago de Souza Oliveira
thiagoufs.se@gmail.com
Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas – SEBRAE/SE

Gustavo Dambiski Gomes de Carvalho
gustavo.dambiski@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

INTRODUÇÃO

O conceito de empoderamento é utilizado em diversas áreas, sendo encontrado como estratégias e ações que visam proporcionar a grupos menos favorecidos tanto a redução de desigualdades quanto o alcance ao desenvolvimento econômico e social (ROSA, 2018). Além disso, pode ser entendido a partir de uma perspectiva em que os indivíduos, organizações e comunidades coletam recursos de forma a terem voz, visibilidade, influência e capacidade, tanto de ação quanto de decisão, podendo então controlar os temas que afetam suas vidas.

O empoderamento econômico, especialmente tratado neste estudo, é a capacidade que o indivíduo tem para tomar decisões que envolvam o controle e a alocação de recursos financeiros e de agir sobre elas (GOLLA; MALHOTRA; NANDA, 2011; KABEER, 2005). Alcançar o empoderamento econômico feminino é um aspecto central para modificar as relações de desigualdade e opressão social que atingem as mulheres. Essa autonomia não é pensada apenas com o acesso à renda, mas também a salário e trabalho dignos, à previdência social e aos serviços públicos, o direito ao emprego, e a condições de produzir e comercializar com dignidade, possibilidades de crescimento pessoal, e o direito ao lazer (FARIA, 2011; HUNT; SAMMAN, 2016).

Para se empoderar economicamente, uma parcela significativa de mulheres tem adotado a atividade empreendedora como forma de obter independência financeira, acesso ao mercado de trabalho, igualdade de gênero, realização pessoal e profissional e autorrealização (ALVES; DANDOLINI, 2017; PALMA, 2016). Samuel (2014) afirma que para uma mulher, empoderar-se é uma forma de resgate da sua autoestima e satisfação pessoal. A realização de atividades fora do seio familiar lhe confere a autonomia que as tarefas domésticas não trazem diante da visão de que é apenas seu dever. A forma como a mulher é vista na sociedade também muda diante do empreendedorismo, o que lhe permite uma nova relação social, dando-lhe mais valorização.

O processo empreendedor feminino passou a ser destaque nacionalmente em 2009, quando o número de negócios aberto por mulheres superou aqueles criados por homens. Esse número se manteve até 2014, apresentou uma leve queda em 2015 e um pequeno crescimento em 2016. Em 2017, o número de mulheres empreendedoras superava o de homens em cerca de 4%. Em 2018, os empreendedores homens passaram a superar levemente às mulheres, tanto diante de empreendimentos iniciais, em 6,1%; quanto naqueles já estabelecidos, em 1,2%. Em que pesem os novos números, é expressiva a massa de mulheres à frente de empreendimentos no Brasil, são exatamente 23,8 milhões de brasileiras neste ofício (GEM, 2018). Dados do SEBRAE salientam essa expressividade numérica quando informam que em 2018 o Brasil teve a 7ª maior proporção de mulheres nos Empreendedores Iniciais (pesquisa realizada em 49 países), sendo que em 2017 já havia sido a 3ª maior nação dentre as pesquisadas.

A relação entre empreender e geração de poder ainda é pouco explorada cientificamente. De forma mais específica, uma pesquisa realizada por Duminelli, Topanotti e Yamaguchi (2017) nas plataformas *Scielo* e *Scopus*, por meio de busca sistemática, identificou apenas 12 (doze) trabalhos sobre o “empreendedorismo e o empoderamento feminino”. Assim, estudos que contemplem a última relação citada contribuirão para a disseminação do conhecimento acerca do empreendedorismo feminino como aporte para o empoderamento econômico da

mulher, podendo tornar-se uma ferramenta legitimada de promoção da igualdade de gênero e dignidade social.

Diante das afirmações acima, justifica-se a importância de analisar de que forma o processo empreendedor contribui para o empoderamento econômico feminino. A operacionalização do objeto em questão se deu por meio das seguintes fases: traçou-se o perfil das empreendedoras alcançadas na pesquisa; descreveu-se o processo de criação dos empreendimentos supracitados; por fim, verificou-se de que forma o processo feminino de empreender colaborou para o empoderamento econômico das gestoras entrevistadas.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como de cunho qualitativo, uma vez que foi desenvolvido a partir de dados não quantificáveis, subjetivos, oriundo dos relatos dos entrevistados no campo de pesquisa. No tocante a sua finalidade a pesquisa foi classificada como exploratória, pois possibilitou o aumento da familiaridade do pesquisador com o fenômeno, o que poderá promover a realização de pesquisas futuras ou aperfeiçoamento de conceitos (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Neste estudo, adotou-se como estratégia o método de pesquisa de campo. O método em questão objetiva conseguir informações e conhecimentos acerca de um problema. Consiste em observar fatos espontâneos na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes para analisá-los (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Alguns critérios foram levados em consideração para selecionar os empreendimentos estudados por esta pesquisa: a) empreendimentos de micro e pequeno porte formalizados; b) criados e gerenciados por mulheres e c) com suas sedes na cidade de São Cristóvão/SE. Estes critérios foram estabelecidos por conta da acessibilidade aos dados e atendimento ao escopo da pesquisa. Tais critérios resultaram na seleção de seis casos.

Neste trabalho se fez uso da entrevista com roteiro semiestruturado. Assim, é caracterizada por um roteiro previamente elaborado, mas com a possibilidade de sofrer algum tipo de acréscimo durante a realização da coleta de dados (MANZINI, 2004). Os dados foram analisados comparativamente com o auxílio da técnica de análise de conteúdo, isso possibilitou reduzir a complexidade dos textos coletados (BAUER; GASKELL, 2008).

EMPREENDEDORISMO FEMININO

Os mais diversos conceitos de empreendedorismo existentes não distinguem o gênero, visto que as características empreendedoras podem ser encontradas em homens e mulheres (STROBINO; TEIXEIRA, 2014). Em diferentes nações verificaram-se taxas equilibradas de empreendedores do sexo masculino e feminino, criando negócios.

Nacionalmente, especialmente em 2009, o número de empreendimentos abertos por mulheres destacava-se em relação aos abertos pelo sexo oposto. Depois disso, leves quedas e crescimentos foram percebidos no decorrer dos anos. Em que pesem os novos números, é expressiva a massa de mulheres à frente de empreendimentos no Brasil, são exatamente 23,8 milhões de brasileiras neste ofício (GEM, 2018). Dados do SEBRAE salientam essa

expressividade numérica quando informam que em 2018 o Brasil teve a 7ª maior proporção de mulheres nos Empreendedores Iniciais (pesquisa realizada em 49 países), sendo que em 2017 já havia sido a 3ª maior nação dentre as pesquisadas.

Bulgacov *et al.* (2010) afirmam que esses expressivos números não significam, necessariamente, um dado positivo no que se refere à posição social, econômica ou cultural das mulheres nessa região. Os níveis de pobreza, trabalho precário e desigualdade social nesses países podem ser a alavanca para o empreendedorismo como forma alternativa de sobrevivência e inserção no mercado de trabalho.

Junto ao crescimento de negócios criados por mulheres, cresceu também o número de estudos dedicados ao tema no âmbito acadêmico e das políticas públicas, pois o tema é visto como estratégico para a redução da pobreza no âmbito global (MEDEIROS, 2016). No Brasil, com o crescimento das pesquisas que tratam da temática, urge a necessidade de uma sistematização teórica acerca do empreendedorismo feminino através da ampliação do número de programas de pós-graduação, eventos e periódicos (GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS, 2017).

Já é sabido que, por anos, alguns estudos que abordam o tema empreendedorismo feminino limitaram-se a caracterizar a mulher empreendedora. Amorim e Batista (2016), por exemplo, afirmaram que as mulheres apresentam uma ótima capacidade de persuasão e se preocupam mais com clientes e fornecedores quando comparadas ao sexo oposto. Tais características contribuem fortemente para o progresso da empresa, bem como para a criação de laços mais fortes entre a empreendedora e sua rede (AMORIM; BATISTA, 2016).

Já Fernandes *et al.* (2016) classificam as mulheres como multiprocessadoras. As mesmas assimilam e processam facilmente informações e situações. Isso auxilia na promoção de uma visão mais sistêmica e não sequencial da realidade, maior flexibilidade e habilidade para enxergar as pessoas de forma holística. As mulheres ainda se destacam frente aos homens com relação ao grau de instrução. Isso porque as mulheres buscam mais capacitação educacional em relação ao gênero oposto.

O estudo elaborado por Carreira *et al.* (2015) observou que cada vez mais mulheres jovens empreendem já desde a faculdade e não esperam concluir uma graduação para iniciar seu próprio negócio. Esse cenário é favorecido principalmente em universidades cujos programas são voltados ao estímulo do empreendedorismo. Constatou-se que no perfil das empreendedoras femininas estão presentes características como: persistência, busca de oportunidades, iniciativa, comprometimento, persuasão e autoconfiança.

Destarte, Duarte e Fernandes (2019), por sua vez, constataram que as mulheres empreendem principalmente por necessidade de adentrar no mercado de trabalho, isto é, seria uma questão de sobrevivência. Pois costumam empreender de forma mais precoce quando comparadas ao sexo oposto, ou seja, muito jovens ainda. São mais persistentes e desistem menos dos seus negócios quando comparadas a empreendedores. Muitas mulheres conseguem conciliar vida pessoal e profissional, para tanto tornam seus domicílios sedes de seus empreendimentos.

Além da necessidade de sobrevivência, segundo Strobino e Teixeira (2014), as mulheres abrem empresas por motivos diferentes daqueles do sexo oposto. Para as mulheres, questões como independência, *status*, percepção de uma oportunidade de mercado, dificuldades em crescer profissionalmente em

empresas de terceiros, dificuldade de conciliar trabalho e família, despertam muitas delas para o processo empreendedor. Os motivos listados não são muito diferentes daqueles relatados por homens empreendedores. O que ocorre de diferente é a forma como as mulheres entram nos negócios, isso porque costumam ocupar espaços que ainda não estão sendo dominados por homens. No mais, as mesmas preferem usar o capital próprio, o que traça um perfil conservador quanto ao risco; não pela dificuldade em adquirir crédito, mas como uma escolha pessoal (STROBINO; TEIXEIRA, 2014).

Dentre os problemas encontrados ao longo do processo empreendedor feminino ainda é possível destacar a falta de confiança nelas mesmas e as questões conflituosas relacionadas à gestão do tempo dedicado ao trabalho e à família (ALPERSTEDT *et al.*, 2014; GARG; AGARWAL, 2017). Estudo desenvolvido por Strobino e Teixeira (2014) revelou que, dentre as ações para lidar com os conflitos trabalho-família, as autoras destacaram: mudar a maneira de agir evitando levar trabalho para casa, compartilhar as atividades domésticas, buscar o diálogo e o apoio do parceiro, controlar as emoções, melhorar o gerenciamento do tempo dedicado ao trabalho e não deixar a empresa como “herança” para a família.

O EMPODERAMENTO ECONÔMICO FEMININO

O empoderamento feminino consiste num processo desencadeado por meio da conscientização da mulher acerca do seu papel, do seu lugar e das suas possibilidades. Consciência esta que tem o intuito de fazer com que as mulheres se posicionem, se fortaleçam e se destaquem em todos os campos da sociedade, da política e da economia. Sendo esse um processo dinâmico, que envolve aspectos cognitivos, afetivos e de conduta (OLIVEIRA; FREITAS, 2018).

Hunt e Samman (2016) definem o empoderamento econômico das mulheres como um processo de mudança social. Ele está interligado com reforços psicológicos, políticos e socioeconômicos através dos quais cada mulher ganha poder, controle sobre suas vidas de forma única e coletiva. O empoderamento econômico é complexo, sofrendo influência de amplas implicações de acordo com cada contexto individual e coletivo separado e conjuntamente. Exige mudanças interiores e sociais.

Devamma (2015) destaca sete características típicas de mulheres empoderadas:

- a) Definem comportamento no que diz respeito aos seus interesses reais;
- b) Não desejam ser superiores aos homens, respondendo como iguais cooperando em prol do bem comum;
- c) Usam seu talento para viver com satisfação;
- d) Transcendem à dificuldade da subjugação;
- e) Podem continuar cumprindo suas responsabilidades junto à família;
- f) Definem seus valores e suas crenças.

Alguns fatores diretos e subjacentes permitem ou impedem o empoderamento econômico feminino. Fatores diretos são aqueles ligados ao indivíduo e/ou a coletividade. São eles: a) Educação: através do treinamento e desenvolvimento de habilidades; b) Dirigir-se aos cuidados não remunerados e aos respectivos encargos do trabalho; c) Acesso ao trabalho remunerado decente e de qualidade; d) Acesso à propriedade, ativos e serviços financeiros e e) Ações

coletivas e de liderança. Fatores subjacentes são as condições estruturais que ampliam a determinação das experiências de cada indivíduo ou da coletividade inseridos na vida das mulheres. São eles: a) Proteção social; b) Características do mercado de trabalho; c) Políticas fiscais; d) Quadros jurídico, regulamentar e político e e) Normas de gênero e normas sociais obrigatórias (HUNT; SAMMAN, 2016).

Antonello e Andreola (2019) fazem uma reflexão parecida e destacam alguns aspectos que podem tornar uma mulher mais forte e empoderada em seu ambiente social, econômico e político. São eles: formação profissional, não discriminação, igualdade de gênero, saúde, segurança e bem estar no trabalho e, por fim, empreendedorismo (ANTONELLO; ANDREOLA, 2019).

Fernandes *et al.* (2016) reafirmam a constatação acima quando comentam que o empreendedorismo proporciona às mulheres empoderamento econômico, pois essas têm suas rendas ampliadas. Verificou-se também melhora no grau de instrução das mulheres e mudanças na estrutura familiar, com a redução do número de filhos. Essas mulheres realizam-se pessoalmente ao abrirem seus empreendimentos, fruto de sonhos pessoais; sendo o grau de instrução fator decisivo para que tomassem essa iniciativa.

Hunt e Samman (2016) afirmam que o empreendedorismo feminino é uma ferramenta legítima de empoderamento, principalmente no que diz respeito aos aspectos sociais e econômicos da vida. O empoderamento econômico das mulheres é crucial para que haja igualdade de gênero, desenvolvimento econômico inclusivo e erradicação da pobreza. Superar tais desigualdades exige coragem para tomar medidas e atitudes abrangentes e transformadoras que afetam e beneficiam as mulheres, as famílias e toda a sociedade.

Já Samuel (2014) destacou que, com o poder econômico ampliado, as mulheres investem na própria educação e na dos seus familiares, buscando ainda novos conhecimentos para gerir melhor o negócio, permitindo que o mesmo cresça e perdure. Entre outros benefícios do poder econômico estão o acesso à saúde através de plano particular, o acesso a medicamentos, academias e viagens de lazer/férias, mesmo que ocasionais. A maior conquista do empreendedorismo feminino é a independência financeira aliada à autonomia, autorrealização e respeito conquistados, juntamente com a elevação da qualidade de vida da família.

ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS

Nesta seção apresenta-se a análise comparativa dos casos pesquisados. Serão verificadas similaridades ou divergências entre os casos descritos anteriormente com relação a aspectos como: perfil das entrevistadas, processo empreendedor e empoderamento econômico feminino.

Perfil das Entrevistadas

O presente estudo alcançou seis empreendedoras do Estado de Sergipe. A identidade das entrevistadas foi preservada neste estudo e encontram-se identificadas como: Caso 1; Caso 2; Caso 3; Caso 4; Caso 5 e Caso 6.

Analizados os seis casos, observou-se que todas as entrevistadas declararam ter aberto seu empreendimento com alguma experiência prévia profissional, mesmo não sendo formal. Em relação à faixa etária das entrevistadas, a maior

parte (casos 1, 3, 4 e 5) delas declarou possuir entre 30 a 40 anos. Metade declarou-se casada (casos 1, 2 e 3) e a outra metade declarou-se solteira (Casos 4, 5 e 6). Com relação ao número de filhos, duas delas (casos 1 e 6) possuem um, uma (caso 2) possui três e outra (caso 3) possui dois, e duas (casos 4 e 5) afirmaram que não possuem filhos. Quanto ao desenvolvimento educacional, duas possuem nível superior completo (casos 1 e 5), e uma (caso 4) está concluindo, duas (casos 3 e 6) possuem o ensino médio completo e uma (caso 2) concluiu o ensino fundamental.

O processo empreendedor facilitou a ascensão social (classe econômica) de duas (casos 3 e 4) das seis empreendedoras entrevistadas. Ambas saíram da classe D para a C e já planejam ampliação do negócio. Isso poderá alavancar ainda mais sua independência financeira, valorização pessoal, familiar e social. Vale (2014) relata que o empreendedorismo não se caracteriza como um fenômeno de elite, estando mais amplamente associado às classes sociais mais baixas. De acordo com a autora, quanto menor o estrato social de origem de um empreendedor maior será a chance de mobilidade social do mesmo. É válido destacar que o Brasil apresentou nos últimos anos evidências de mobilidade social especialmente nas classes mais baixas da população, sendo o empreendedorismo a grande justificativa para este fenômeno.

Processo empreendedor

Quanto ao processo empreendedor, observou-se que metade das entrevistadas (casos 1, 2 e 4) declararam ter empreendido porque sonhavam com isso. Algumas (casos 1 e 6) afirmaram ainda que desejavam deixar de trabalhar para os outros. As empreendedoras denominadas caso 1, 2 e 3 destacaram que ganhar em flexibilidade de horário, para poder dividir melhor o tempo entre família e trabalho, também é considerada uma motivação importante. Outras motivações para empreender foram destacadas: necessidade de ter uma ocupação após aposentadoria (caso 2), estímulo de pessoa próxima (caso 4) e vocação familiar (caso 6).

Para Strobino e Teixeira (2014), há alguns fatores importantes que podem ser decisivos para a abertura de um empreendimento, a saber: a) possuir experiência profissional anterior e b) existência de outros empreendedores na família ou pessoas do convívio que servem como modelos, referências. No caso das entrevistadas não se constatou esse fenômeno dos modelos, das referências.

Todas as empreendedoras participantes do presente estudo destacaram a dificuldade financeira como a mais desafiadora no processo empreendedor. Em geral, tais recursos financeiros são próprios ou obtidos com alguém da família. A participação de recursos de terceiros na capitalização de empreendimentos geridos por mulheres é de baixa proporção. No Brasil, é comum desfazer-se de bens imóveis e penhorar joias para obter o capital inicial de abertura do negócio ou parte significativa dele. Outro agravante é que quanto maior for a necessidade de inovação no segmento onde a mulher deseja empreender, maior é a dificuldade de recursos para financiar tais atividades (ALPERSTEDT *et al.*, 2014).

Fernandes *et al.* (2016) destacam que o apoio familiar influencia bastante a abertura de empreendimentos por mulheres. A falta de apoio é mais uma barreira a ser superada no desafio de empreender, podendo vir a ser um fator desmotivador para mulheres de negócio. Segundo Corrêa e Teixeira (2015), os empresários buscam na família e nos amigos próximos (laços fortes) soluções

para atender a diferentes necessidades, assim eles se fazem presentes em várias fases do processo empreendedor.

As entrevistadas desse estudo citaram ter recebido apoio de familiares, em sua maioria, quando decidiram abrir seus empreendimentos. Os amigos apoiaram a empreendedora denominada Caso 1, os fornecedores deram crédito ao Caso 2 e a família deu suporte nos Casos 1, 2, 3 e 4. As empreendedoras, Casos 5 e 6, relataram não terem desfrutado de qualquer tipo de apoio.

No mais, todas as empreendedoras relataram ter enfrentado alguma situação de subjugação, deixando-se afetar ou enfrentando-as. O quadro 1 traz em detalhes as subjugações citadas pelas entrevistadas:

Quadro 1 – Subjugações

Subjugações	Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso 4	Caso 5	Caso 6
Houve algumas, ignorou e focou em seus objetivos.	X					
Sofreu no início, mas recebe muito apoio de uma filha.		X				
Abateu-se inicialmente, mas desconsiderou.			X			
Houve no início. Usou como combustível.				X		
Inicialmente sofreu, abateu-se, mas aprendeu a lidar.					X	
Houve no começo, mas não deu importância.						X

Fonte: Desenvolvido com base na coleta de dados, 2018.

As subjugações enfrentadas pela mulher originam-se de um contexto histórico de desigualdades de gênero. Todavia, a mulher, ao se empoderar e compreender o seu papel na sociedade, transcende às dificuldades impostas pelas subjugações, conforme pode ser identificado nos casos analisados. Essas subjugações podem ser consideradas também como barreira social, segundo Garg e Agarwal (2017), fatores se combinam para formar uma barreira social para as mulheres se aventurarem no empreendedorismo, assim, diversas pesquisas mostram que essa atitude é resultado de pressões trazidas pelo pensamento conservador de uma sociedade tradicional, pois espera-se que as mulheres priorizem o parto no âmbito familiar em detrimento de qualquer outra atividade. No entanto, em meio a muitas dificuldades, as mesmas superam e obtêm sucesso.

Empoderamento econômico feminino

Conforme os relatos das entrevistadas, foi possível mapear os elementos que proporcionaram o empoderamento econômico da mulher por meio do empreendedorismo.

Quadro 2 – Empoderamento econômico feminino

	Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso 4	Caso 5	Caso 6
Promoção da saúde	Plano de saúde e escola particular para o filho	Ocasionalmente diante de alguma urgência	Plano de saúde	Plano de saúde para os filhos	Plano de saúde	Plano de saúde individual
Promoção do lazer	Ocasionalmente por estar focada no planejamento futuro	Ocasionalmente por conta da crise	Ocasionalmente por não gostar de viajar	Viagens em família	Viagens de trabalho	Alega dedicação exclusiva ao negócio
Promoção da renda	Ainda não consegue colaborar com a renda familiar	Ocasionalmente colabora de acordo com a necessidade	Renda familiar 100% proveniente do negócio	Renda familiar 100% proveniente do negócio	Renda familiar 100% proveniente do negócio	Renda familiar 100% proveniente do negócio
Conquistas familiares	Mais respeito e determinação	Mais respeito	Mais valorizada e realizada	Valorização, parceria	Nenhuma	Mais respeito
Conquistas no âmbito profissional	Cursos voltados para o negócio e experiência diante dos desafios	Conhecimento obtido com o negócio	Crescimento obtido com a gestão do negócio	Aprendizado profissional diante dos desafios enfrentados	Ser dona do seu próprio negócio	Ser dona do seu próprio negócio
Conquistas na esfera da educação	Cursos voltados para o negócio	Nenhuma	Faculdade particular	Nenhuma	Graduação em Estética/faculdade particular	Faculdade particular para o filho
Conquista da autovalorização	Independência	Mais respeito	Independência	Mais respeito	Realizada, respeitada e valorizada	Realizada, respeitada e valorizada

Fonte: Desenvolvido com base na coleta de dados, 2018.

Na esfera familiar, com exceção do Caso 5, todas as demais empreendedoras entrevistadas passaram a ser respeitadas como mulher e profissional; fruto da independência financeira, realização pessoal e liberdade conquistada. Esse resultado é um indicador do empoderamento econômico feminino, o qual

envolve ganho de poder, controle sobre a vida e respeito no seio familiar (HUNT; SAMMAN, 2016).

A pesquisa revelou ainda que durante o período em que essas mulheres eram empregadas em empresas de terceiros, as mesmas não se sentiam plenamente realizadas. No entanto, após empreender, tiveram acesso a bens patrimoniais (casos 3, 4 e 5), poder econômico (casos 1, 2, 3, 4, 5 e 6), liderança na esfera gerencial e, na maioria dos casos, passaram a decidir o rumo de seus empreendimentos e das suas vidas. Esses fatores direcionaram as mulheres a um processo de autovalorização, empoderamento (ALVES; DANDOLINI, 2017). Assim tem sido para a entrevistada do caso 4:

(...) minha casa foi a primeira conquista. Consegui através daqui o plano de saúde pro meu filho quando ele nasceu. Depois veio minha menina, a gente também já consegue pagar um plano pra ela. Dá tranquilidade!

Esses benefícios possibilitaram às mulheres gerenciar de forma autônoma os seus próprios recursos financeiros e promover o acesso à saúde (casos 1, 2, 3, 4, 5 e 6), bem-estar (caso 3), lazer (casos 1 e 4), viagens em família ou a trabalho (casos 2 e 5). Conforme Garg e Agarwal (2017), as mulheres na atividade empresarial tornam-se autoconfiantes e auto dependentes, contribuindo significativamente para o desenvolvimento econômico da nação e proporcionando uma vida melhor às suas famílias. A entrevistada do Caso 3, afirmou que:

(...) valeu a pena! Eu me sinto com mais liberdade, satisfeita por estar dando oportunidade de emprego às pessoas, de estar iniciando uma atividade, de ser micro empresária; a minha satisfação maior é essa. Pretendo buscar uma posição melhor como empresária, crescer. Daqui a uns dois anos pretendo expandir na mesma área, sem diversificar.

Outro fator de suma relevância, como exposto no quadro 9, foi o acesso à educação. Através da educação as mulheres alcançam novos valores e aprendem a se relacionar melhor, diante do saber adquirido que gera autoconfiança em suas habilidades pessoais (ALPERSTEDT *et al.*, 2014). A entrevistada do caso 5 relatou, "(...) estou sempre me especializando. Buscando me atualizar e trazer as últimas novidades para a clientela".

Esses depoimentos demonstraram que, nos casos pesquisados, a atividade empreendedora promoveu a possibilidade de exercer o papel de protagonista das suas vidas, alcançando aumento de suas rendas, acesso à educação, valorização social, profissional e familiar, aprendizagem e autovalorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve o propósito de analisar como o processo empreendedor contribui para o empoderamento econômico feminino. Para tanto, relatou-se a experiência de seis empreendedoras, donas de micro e pequenos negócios formalizados e sediados no Estado de Sergipe.

A pesquisa realizada revelou que, no grupo de empreendedoras entrevistadas, têm-se mulheres solteiras e casadas, a maioria delas possui filhos, são originárias da classe econômica D, possui entre 30 e 40 anos e a metade

concluiu ou estava concluindo o ensino superior. Segundo o GEM (2016), o perfil educacional é um fator limitante ao empreendedorismo. Sendo a qualificação educacional e profissional um dos caminhos para o sucesso do empreendimento. Observou-se ainda que todas as entrevistadas declararam ter aberto seu empreendimento com alguma experiência prévia profissional. Para Strobino e Teixeira (2014), esse é um dos fatores importantes e que pode ser decisivo para a abertura de um empreendimento.

No mais, o processo empreendedor facilitou a ascensão social (classe econômica) de duas das seis empreendedoras entrevistadas, ambas saíram da classe D para a C. Assim, a maioria das entrevistadas não percebeu mudanças na classe social ou grandes alterações na renda. Isso não anula a existência do empoderamento econômico feminino, já que, segundo Fernandes *et al.* (2016), este refere-se à qualidade do envolvimento econômico da mulher, propiciando-lhe além do acesso ao mercado de trabalho a independência financeira. Características estas que foram notadas e comprovadas através dos resultados extraídos das entrevistas.

O processo de criação dos empreendimentos pesquisados ocorreu por motivos diversos, a saber: a) sonho de ter seu próprio negócio; b) incentivo de pessoas próximas (amigos, familiares e namorado); c) dificuldade em crescer e melhorar de vida enquanto empregado; d) desejo de deixar de trabalhar para outras pessoas, deixar de receber ordens do patrão; e) anseio de alcançar a tão desejada independência financeira e melhoria de vida; f) existência de habilidades e experiência de mercado, muitas vezes no ramo do empreendimento a ser aberto ou ramos similares; g) dificuldade para cuidar dos filhos pequenos enquanto trabalhava fora e h) desejo de ter uma ocupação posterior à aposentadoria.

Todas as empreendedoras participantes do presente estudo destacaram a dificuldade financeira como a mais desafiadora no processo empreendedor. Durante o processo de criação, percebeu-se que nenhuma das entrevistadas possuía uma fonte de renda prévia que pudesse investir no empreendimento. As mesmas adquiriram empréstimos com familiares e amigos, uma vez que não obtiveram êxito junto aos bancos inicialmente. Segundo Corrêa e Teixeira (2015), os empresários buscam na família e nos amigos próximos (laços fortes), soluções para atender a diferentes necessidades, assim eles se fazem presentes em várias fases do processo empreendedor. Todas relataram que foram subjugadas quando optaram por empreender.

Em contrapartida, o processo empreendedor promoveu uma série de benefícios ao conjunto de mulheres entrevistadas, o que comprova a existência do empoderamento econômico feminino. Houve conquistas na esfera da saúde, lazer, renda, familiar, profissional, da educação e autovalorização. Destacaram ainda o contato com o público como algo que promove satisfação e a maioria das entrevistadas afirmou amar ou gostar do que faz, apesar dos inúmeros obstáculos enfrentados.

É possível inferir que o processo feminino de empreender colaborou com a visão de mundo das entrevistadas, com a forma como se percebem mais livres e donas de si. A chance de gerir o tempo dedicado ao negócio e à família, acrescida aos ganhos em conhecimentos, a ampliação da capacidade de contribuir com a renda da família, a geração de emprego e o alcance das metas no âmbito do negócio contribuem para que essas mulheres pensem que optaram pelo caminho

certo. Assim, acredita-se que o processo empreendedor passou a ser um marco positivo na vida dessas mulheres.

As entrevistadas demonstraram sentir-se empoderadas de forma clara em suas falas, mas houve dificuldades em enxergar o empoderamento alcançado de forma prática. A maioria delas não conseguiu expressar objetivamente o sentimento do empoderamento, porém o mesmo é detectado facilmente quando ao interagir com as mesmas durante as entrevistas. Obteve-se a percepção confirmada com a resposta que cita a realização de ser dona do próprio negócio e, conseqüentemente, decidir os rumos de sua vida.

Para estudos futuros, recomenda-se relacionar o empoderamento econômico feminino com o tempo de vida das organizações, incluindo o levantamento das necessidades quanto à contínua preparação das mulheres empreendedoras, no sentido de buscar conhecimento para ampliar a capacidade das mesmas, de administrar e manter seus empreendimentos prosperando.

Entrepreneurship as support for women's economic empowerment

ABSTRACT

This article investigated how the entrepreneurial process contributes to women's economic empowerment. The aim is to solve the following problem: How does the entrepreneurial process contribute to women's economic empowerment? This is a qualitative, exploratory field research. The data were collected through a semi-structured interview script and analyzed with the aid of the content analysis technique. The research revealed that, through entrepreneurship, the women interviewed had access to leisure, health, increased income, respect in the personal and professional sphere and self-fulfillment as a woman and businesswoman; result of their economic empowerment. This study contributed to the dissemination of knowledge about female entrepreneurship as a contribution to women's economic empowerment. It also signaled the importance of vocation in the act of undertaking and how difficult it is to receive support and recognition during this process.

KEYWORDS: Entrepreneurship. Female Entrepreneurship. Economic Empowerment.

REFERÊNCIAS

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C.. Empreendedorismo Feminino: Dificuldades relatadas em uma história de vida. **Revista de Ciências da Administração**. V. 16. N. 40, P. 27-39, nov. de 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2735/273532832015.pdf>. 02 de fev. de 2019.

ALVES, F. L.; DANDOLINI, A. de O. V. A Atividade empreendedora como ferramenta de empoderamento feminino: desafios e possibilidades na contemporaneidade. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, (octubre-diciembre 2017).

AMORIM, R. O.; BATISTA, L. E. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento**. 2016. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf. Acesso em 30 de jan. de 2018.

ANTONELLO, G. G. G.; ANDREOLA, M. T. Empoderamento Feminino. **AMF**. 2019.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7. Ed. Petropolis-RJ: Vozes, 2008.

BULGACOV, Y. L. M.; CAMARGO, D.; CUNHA, S. K.; MEZA, M. L.; SOUZA, R. M. B.; TOLFO S. R. Atividade empreendedora da mulher brasileira: Trabalho precário ou trabalho decente? **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 28, n. 63, nov. 2010.

CARREIRA, S. da S.; FRANZONI, A. B.; ESPER, A. J. F.; PACHECO, D. C.; CARREIRA, M. F.. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia**.V.5. N. 2., 2015. Disponível em: <http://navus.sc.senac.br/index.php/navus/article/view/208>. Acesso em Acesso em 02 de fev. de 2019.

CORRÊA, R. O.; TEIXEIRA, R. M. Redes Sociais Empreendedoras para Obtenção de Recursos e Legitimação Organizacional: Estudo de Casos Múltiplos com Empreendedores Sociais. **RAM, Revista de Administração Mackenzie**, 16(1), São Paulo, 2015.

DEVAMMA, B. Laxmi. **Women Economic Empowerment**, 2015. Disponível em: <http://ijmart.in/PreviousIssues/Sep%202015/19.pdf>. Acesso em 02 de fev. de 2018.

DUARTE, K. A.; FERNANDES, R. A. S. Empreendedorismo Feminino: Análise de Perfil de Mulheres Empreendedoras no Brasil. **Revista Eletrônica Cosmopolita em Ação**. 2019.

DUMINELLI, M. V.; TOPANOTTI, M. de B.; YAMAGUCHI, C. K. Análise dos estudos sobre o empreendedorismo e o empoderamento feminino. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**. 2017.

FARIA, Malu. Desafios para a Construção da Autonomia Econômica para as Mulheres. IN.: Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

FERNANDES, T. dos S.; LOPES, G. S. C.; WATANABE, M.; YAMAGUCHI, C. K.; GODOI, C. K. Dimensões do empoderamento feminino: autonomia ou dependência? **Revista Alcance**, vol. 23, núm. 3, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4777/477749667008/html/index.html>. Acesso em 02 de fev. de 2019.

GARG, S.; AGARWAL, P. Problems and prospects of woman entrepreneurship – a review of literature. **Journal of Business and Management (IOSR-JBM)**. Vol. 19, Issue 1. Ver. VI PP 55-60, 2017.

GEM-Brasil 2016 – Global Entrepreneurship Monitor. **O Empreendedorismo no Brasil – 2016**. Curitiba: IBPQ, 2016.

GEM-Brasil 2018 – Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil – Relatório Executivo 2018**. Curitiba: IBPQ, 2018. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Relat%C3%B3rio-Executivo-Brasil-2018-v3-web.pdf>. Acesso em 15 de mai. de 2020.

GIMENEZ, F. A. P.; FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C.. Empreendedorismo Feminino no Brasil: gênese e formação de um campo de pesquisa. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 40-74, abr. 2017. ISSN 2316-2058.

GOLLA, A. M; MALHOTRA, A.; NANDA, P. M. R. Understanding and measuring women's economic empowerment: definition, framework and indicators. Washington, DC: **International Center for Research on Women**, 2011. Disponível em: <https://www.icrw.org/wp-content/uploads/2016/10/Understanding-measuring-womens-economic-empowerment.pdf>. Acesso em 02 de fev. de 2019.

HUNT, A.; SAMMAN, E. **Women's Economic Empowerment Navigating enablers and constraints**. 2016. Disponível em: <https://www.odi.org/publications/10483-womens-economic-empowerment-navigating-enablers-and-constraints>. Acesso em 02 de fev. de 2019.

KABEER, N. **Gender equality and women's empowerment: a critical analysis of the third Millennium Development Goal**. Gender and Development. 2005;13(1):13-24. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/53087/>. Acesso em 13 de jan. de 2019.

MANZINI, E. J. **Entrevista Semi-Estruturada: Análise de objetivos e de roteiros**. 2004. In SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, T. C. C. V.. **O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Cooperação em Empreendedorismo Feminino para o Desenvolvimento Internacional.** 2016. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/17390>>. Acesso em 18 de nov. de 2017.

OLIVEIRA, M. R. de; FREITAS, C. C.. **Meninas da vila: uma perspectiva transdisciplinar do empoderamento feminino.** Anais da VI Semana de Integração Inhumas: UEG, 2017, p. 80-98. Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/8993>>. Acesso em 02 de mar. de 2018.

PALMA, L. G. A. da. **Empoderamento econômico da mulher no âmbito do Mercosul: das reuniões especializadas ao programa *Ellas Hacen*.** RIC Relações Internacionais. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/28419>>. Acesso em 08 de jan. de 2016.

ROSA, Gildete da. **Empoderamento feminino e desenvolvimento: uma análise para o Brasil.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, BR-RS, 2018.

SAMUEL, L. **O Contributo do Empreendedorismo Feminino no Empoderamento Socioeconômico da Mulher, estudo de caso (pemba, moçambique).** 2014. Disponível em: <http://reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/view/26>. Acesso em 13 de jan. de 2019.

SEBRAE - Relatório especial - Empreendedorismo Feminino no Brasil. Março 2019. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Empreendedorismo-Feminino-no-Brasil-2019_v5.pdf. Acesso em 25 de set. 2019.

STROBINO, M. R. de C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista Administração**, v. 49, n. 1, 2014.

VALE, G. M. V. Empreendedorismo, marginalidade e estratificação social. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 54, n. 3, maio-junho, p.310-321, 2014.

Recebido: 16/11/2020

Aprovado: 14/06/2021

DOI: 10.3895/rts.v17n48.13462

Como citar: LIMA, J.M. *et al.* Empreendedorismo como aporte para o empoderamento econômico feminino. **Rev. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 17, n. 48, p.251-266, jul./set., 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/13462>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

